

Feito três pedras de fogão: afirmação da identidade nacional sob o olhar dos escritores guineenses

Mairra Augusto Badinca (Unilab-CE)¹

Resumo: Este trabalho tem como propósito compreender o olhar dos escritores guineenses na literatura como afirmação da identidade nacional. Para isso, a metodologia desse trabalho baseou-se em entrevistas feitas no decorrer de pesquisa realizada com aplicação de questionários junto a escritores guineenses entre os anos de 2015 e 2016. Assim, pretendo discutir a questão da identidade nacional a partir do olhar desses escritores tendo por base teórica principal as obras de Moema Parente Augel em *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* (2007) e *A nova literatura da Guiné-Bissau* (1998); de Inocência Mata com *A literatura africana e a crítica pós-colonial: Reconversões* (2007); e Rui Jorge Semedo em *Uma radiografia do processo literário guineense* (2012).

Palavras-chave: Literatura; escritores guineenses; identidade nacional.

Introdução

A Guiné-Bissau, “Ex-Guiné-Portuguesa²”, fica situada na costa ocidental do continente africano, banhada pelo oceano atlântico. O país também é composto por mais de 80 ilhas insulares, além dos ilhéus (AUGEL, 2007). Na Guiné-Bissau fala-se mais de 30 línguas étnicas, tendo crioulo como a língua nacional e o português como oficial. Foi o primeiro país africano, da ex-colônia portuguesa, a conquistar a independência em 24 de setembro 1973 (reconhecida por Portugal em 1974). Faz parte das Nações Unidas, da UA (União Africana), da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e da CEDAO (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental).

Levando em consideração as sucintas informações expostas acima, inicio algumas reflexões sobre Literatura e identidade nacional com as palavras de Odete Semedo no livro

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab-CE), sob orientação de Jo A-mi (docente lotada no Instituto de Humanidades e Letras).

² Como era chamada pelos portugueses, passou, pois, a constituir uma comarca, com sede em Bissau (atual capital do país) (DJALÓ, 2006, p. 297).

“Entre o ser e o amar” publicado em 1996: “em que língua escrever?”. Este questionamento inicial se dá devido à questão da valorização da língua crioula guineense, que, para a maioria da população do país, é língua vernácula - além das línguas étnicas. Como o crioulo guineense é considerado a língua da unificação da nação guineense, dá para entender a questão da sua valorização em poema de Odete Semedo como uma questão de afirmação da identidade: o papel de transcrevê-la, nesse sentido, poderá fortalecer os lugares da identidade nacional de geração em geração.

Do mesmo modo, a literatura tem a possibilidade de problematizar os caminhos da identidade de um país, pensando a partir da noção de que “a nação é passível de ser reinventada como “patrimônio herdado do passado” por agentes sociais que se vão apoderando dela, privatizado os signos que conferem existência às entidades fundacionais – a tradição, o passado, a memória, a língua” (MATA, 2007, p. 35). Nesse sentido, acredito que alguns escritos literários africanos, principalmente os de Guiné-Bissau, apostavam e apostam numa escrita que poderá/pode reinventar a pátria. Leister (2012, p.322) frisa que “na Guiné-Bissau foram praticamente apagados os discursos históricos do passado e continuam pouco lembrados pelos historiadores no presente”, ou para versejar literariamente com Odete Semedo: “E é apenas um entre tantos outros/ outrora sem rosto/ hoje torno ao que era/ caminhando/ na longa estrada dos séculos” (SEMEDO, 1996, p.21). Leister, no seu artigo, não só ressaltou o desconhecimento da história literária guineense, como também abordou sobre as inúmeras dificuldades para se chegar aos resultados da sua pesquisa, devido à escassez de trabalhos literários na Guiné-Bissau e as dificuldades de publicá-los: tornando-se fatores relevantes para que a literatura da Guiné-Bissau seja pouco conhecida no mundo afora e reconhecida dentro do próprio país - há um desconhecimento amplo da literatura nacional nas escolas do país. Apontei essa fatal realidade tendo em vista a minha vivência e olhar prévio durante o percurso como aluna em meu país: nunca pensei que na Guiné-Bissau existiam os escritos que tanto me surpreenderam na realização da pesquisa desse trabalho. Falo isso, também, implicada pelas experiências que não tive com literatura na escola e no Liceu, em Guiné-Bissau. Só vim a conhecer literatura guineense na Unilab e, de forma parcial, na disciplina intitulada “Literaturas africanas de língua portuguesa” - em que pouco foi discutido sobre Guiné-Bissau, com a justificativa de que a literatura guineense ainda está na sua fase inicial e, portanto, não ofereceria muitos subsídios para o aprofundamento de seu estudo.

O escritor Fernando Eduardo Marques Perdigão ratifica esse descontentamento ao apontar para uma triste realidade sobre o desenvolvimento literário do país:

(...) num país com elevado índice de analfabetismo, a comunicação literária torna-se um bocado lenta, um bocado morosa, até de fato chegar ao público e ser, portanto interiorizada e compreendida a mensagem. Temos outro órgão de comunicação social que ajuda a fazer grande publicidade ou então a simplificar a informação (...), o que leva, de fato, as obras que são produzidas por aqui terem uma venda bastante restrita, bastante reduzida por falta da capacidade de compra do próprio público leitor: então esses são condicionalismos entre muitos outros que fazem com que a produção literária não tenha assim grande evolução na Guiné-Bissau.

Sendo assim, dá para entender essa realidade de estagnação da literatura nacional guineense, porque se não houver um público leitor, para quem escrever? Os elevados índices de analfabetismo e a falta de interesse político-pedagógico do Ministério da Educação ampliam esse abismo. Acredito que o incentivo à leitura e divulgação da literatura no país são fundamentais para o fortalecimento da produção literária em processo, pois "há trabalhos inéditos de excelente qualidade" aguardando "uma oportunidade de publicações" (AUGEL, 1998, p.11).

Assim, motivada por essa discussão, e em diálogo com a professora-orientadora, foi proposta, entre os anos de 2015 e 2016, a realização de uma pesquisa que tentasse captar os olhares de escritores guineenses sobre a literatura de seu país³. A experiência da pesquisa fez-me perceber as dificuldades que a maioria desses autores tem em termos de divulgação dos seus trabalhos (como muitos deles lamentando a falta de condição voltada à publicação).

1. O processo da pesquisa

Tudo começou como um simples *djumbai* (diversão), onde eu estava demonstrando minha tristeza à professora-orientadora sobre o porquê de a literatura guineense não ser conhecida pela maioria dos professores de Literatura da Unilab. No decorrer de *konta passada*⁴, começou a nascer o interesse de trabalhar com assunto voltado à literatura de Guiné-Bissau. Sugeri o tema que gostaria que trabalhássemos, e esse veio a ser moldado até ao momento em que hoje estamos a debruçar de sua *sabura*⁵; posteriormente, viajei para Guiné-Bissau a fim de realizar entrevistas com alguns escritores nacionais, e tudo parecia que

³ Acrescentamos à pesquisa uma entrevista feita em julho de 2016 com Manuel Casqueiro, escritor guineense que vivia em Angola, e atualmente reside no Brasil.

⁴ Momento de diversão onde se aborda qualquer tipo de assunto seja ele mal ou bom.

⁵ Expressão utilizada para demonstrar o prazer do sabor, seja ela comida ou não; também é utilizada para demonstrar o contentamento.

não teria chance de acontecer (seja pelas dificuldades em contactar com os escritores, ou pela situação financeira dada por esse desafio). Resolvidos os obstáculos, porém, construímos questionário e termo de consentimento (documento assinado pelos escritores dando permissão à divulgação acadêmica das falas concedidas) possibilitando a realização do trabalho.

Os primeiros dias no campo de pesquisa faziam parecer que eu não ia ter contato com nenhum escritor. Foi o escritor Conduto de Pina, um dos entrevistados, que me deu a maioria dos contatos dos escritores: naquele momento, senti-me motivada a continuar o trabalho. Adquirir as entrevistas e conhecer as vozes, além de ganhar muitas experiências no momento de *djumbai* com os escritores e a escritora Odete Semedo, foram experiências que me seguirão a vida toda, ou, como dizia o ditado guineense: *Bibidur de laqua kata dibi fabur*⁶, pois eu bebi dessa água que faz jorrar a mensagem para uma Guiné *mindjor* (melhor).

No decorrer da pesquisa, contudo, uma problemática que se evidenciou com os doze escritores entrevistados foi à participação feminina na Literatura. Embora não tenhamos a intenção de focar nessa discussão, por ora, entendemos ser importante dar a conhecer um pouco panorama da participação da mulher guineense na sua própria literatura, como o escritor Rui Jorge Semedo questionou no seu trabalho:

pouca ou quase não se faz notar a presença feminina. Por exemplo, da primeira antologia participaram quatorze poetas e nenhuma presença feminina; a segunda contou com doze poetas e uma poetisa, que é a Mariana Marques Ribeiro; a terceira voltou a reunir quatorze poetas entre os quais duas eram mulheres: Domingas Samy e Eunice Borges; a quarta reuniu nove poetas dentre os quais uma mulher, a Mariana Marques Ribeiro; a quinta contou com treze poetas dentre os quais duas mulheres: Dulce Neves e Odete Semedo, e a sexta, que foi um trabalho recente da nova geração de escritores, reuniu vinte e três poetas, sendo apenas três mulheres: Filomena Gomes Correia, Gina Có e Irina Gomes Ramos (SEMEDO, 2012, p. 84-85).

As publicações continuam sendo ainda de maior parte feitas por escritores e com uma tímida e pouca participação de mulheres. Em termos de publicação individual, apenas três conseguiram romper as barreiras literárias latentes para assumir de forma independente o direito de manifestar suas visões de mundo em letras fixadas no papel. A pioneira foi Domingas Samy, que, em 1993, publicou um livro de contos intitulado *A escola* (SEMEDO, 2012, p. 85). O livro teve este título influenciado pelas experiências da escritora que trabalhava "com temas recorrentes como a educação, à condição feminina, ao choque entre os

⁶ Traduzindo literalmente significa: quem bebe na lagoa (açude) não deve favor, tendo em consideração que esse indivíduo não emprestou ou não pediu água de ninguém.

costumes tradicionais, à modernização urbana no cotidiano feminino e os tabus” (SEMEDO, 2012, p.85). Na escrita de Domingas Samy, sob a percepção de Moema Augel, percebi a chamada de atenção para um mundo daquilo que podemos denominar de *mindjerndade*⁷ guineense - uma espécie de valorização, respeito e justiça para com as mulheres. Como ressalta Augel, os contos de Domingas Samy estão impregnados pela preocupação com a condição feminina e a posição social da mulher na sociedade guineense: e isso já seria motivo para despertar o interesse do público leitor (AUGEL: 1998, p. 325).

Voltando aos achados da pesquisa, duas outras questões se tornaram evidentes:

- a) *Gosto por expressar-se pela poesia*: dos doze (12) escritores entrevistados, oito (8) manifestaram sua preferência pelo gênero poesia - embora outros escritores não tenham colocado a poesia como prioridade, sabemos que iniciaram seus trabalhos literários por esse gênero. O escritor Jorge Otinta, por exemplo, foi perguntado: de que gênero gosta mais na literatura guineense? Ao que respondeu:

Romance e conto. Mas comecei na poesia. Sobre isso escrevi: acreditei, desde os primórdios da minha existência que a poesia nasce das relações biopsicossociossomáticas. Ela vem das linhas intersticiais do entendimento humano. Habita, sorrateira e silenciosamente, o nosso ser na sua ontologia fundamental. A poesia, como disse, nasce (corrijo-me agora) para dizer que ela é uma constante renascença. Por isso, a *poiesis* muda (para celebrar os gregos) a minha experiência na presença do ato poético de produzir o efeito sonoro da metáfora aguda, incomensurável, retinente (e porque não reticente?). E singularmente significativa transformando a estrutura fundamental do meu relacionamento (ser humano que sou) com as coisas. A poesia faz de mim um (re)criador do mundo e das coisas que moram no mundo.

Nesse levantamento, um número expressivo de quase 70% dos entrevistados afirmaram sua preferência pela poesia - assunto que aprofundarei posteriormente -, por permiti-lhes expressar o que sentem e criticar, cantar e exaltar diversas temáticas: da *mindjer bideira* (mulher vendedora) a *mininus di nô tchom* (crianças do nosso chão), dentre outros;

- b) *Patriotismo*: durante a pesquisa percebemos que todos os escritores entrevistados, mesmo encontrando dificuldades para publicar suas palavras, os escritores costumam repetir *Kil ki di nós tene balur* (aquilo que é nosso tem valor). Assim se expressa Maiuca de Bubaque (Mário Maiuca Conté): "mesmo com déficit financeiro, mas consegui sofrer, guardar, (...) para

⁷ Nesse contexto, essa expressão é utilizada para valorização do reconhecimento do papel da mulher na comunidade guineense. E num outro termo a palavra “*mindjerndade*” significa órgãos genitais femininos (MONTENEGRO, 2007).

publicar um livro: partindo do princípio que cá no nosso país o livro não se vende, praticamente. Se vamos vendê-los, são poucos exemplares".

Os sentimentos de querer fazer algo ao país e de dar seus melhores presentes em termo de suas escritas é um desejo constante dos autores, mesmo sabendo que Guiné-Bissau não tem as condições favoráveis à realização de um trabalho à altura dos seus anseios: “porque ainda navegamos por ondas de esperanças... de ver revertida a negativa imagem do País, do desenvolvimento social”, disse Hilário Júnior; para isto, os escritores escrevem: “poemas ainda de cantar a liberdade, de desafiar o colonizador mostrando que o guineense é guineense, exaltação do nacionalismo, enfim, poemas de sangues chorando aqueles que tombaram na luta e tudo mais” (Gabriel Yé).

Esse amor patriótico que os escritores guineenses entrevistados têm se veem nos temas de seus livros, como por exemplo, com Odete Semedo no *Entre o ser e o amor*; Tony Tcheka em *Noites de insónia na terra adormecida*; Fernando Perdigão e *O retorno dos “gans”*; Edson Incópté no *Isnaba Rebelde e Setembro adormecido*; Francisco Conduto de Pina com *Palavras suspensas*; Hilário Insame Júnior *O recado*; entre outros, pois “o poeta desta nova geração ainda encontra a sua fonte de inspiração nas crianças de rua, nas labutas das nossas mulheres, na pobreza extrema, na fome e no sonho de num futuro melhor” (Hilário Júnior), numa persistência por incitar um futuro melhor para o povo guineense.

Segundo Abdulai Silá, no prefácio do livro *Recortes da História da Guiné-Bissau 1900-2005*, de Catarina Lopes,

A importância desse esforço de criação de uma identidade histórica colectiva torna-se mais evidente se se tiver em consideração não só o relativamente extenso mosaico étnico (e suas características intrínsecas) de que se compõe a actual nação guineense em formação, mas sobretudo os imperativos de edificação e conservação de uma identidade cultural própria (LOPES, 2010, p.10).

Dessa maneira, a intenção, com este trabalho, é dar a conhecer um pouco mais de um panorama geral da discussão sobre identidade nacional a partir dos relatos de alguns escritores guineenses.

2. Identidade nacional pelos escritores guineenses

De modo geral, identidade é um processo de construção e de contínua revisão da imagem de si mesmo, processo esse que está no ponto de interseção entre biografia

individual e interação social, passível tanto de influências pessoais como também do meio social e cultural (NUNNING apud AUGEL, 2007) - ou seja, a identidade é tudo aquilo que nos identifica, tanto pessoal, coletiva e culturalmente. No que concerne à identidade nacional, vale destacar a contribuição de Moema Augel que diz:

A Guiné-Bissau como Estado ainda está envolta em identificações, herança indigesta do colonialismo, buscando ser nação, buscando uma identidade amalgamadora para cimentar definitivamente as muitas pedras do seu mosaico étnico, fortuitamente ligadas pela argamassa das fronteiras arbitrárias levantadas pelas potências imperialistas (AUGEL, 2007, p.266).

Os traços negativos das más infraestruturas deixadas pelos colonizadores que tomam Guiné-Bissau como país de exploração e não de investimento, refletem no reconhecimento e fortalecimento da literatura guineense. No lamaçal que a literatura do país se encontrava e ainda se encontra, há resquícios fortes da falta de investimentos financeiros de Portugal:

nunca será demais ressaltar que se trata de uma das maiores violências do colonialismo. Tendo sido a Guiné-Bissau uma colônia de comércio e não de povoamento, diferente, portanto, de Angola e de Moçambique, por exemplo, ficou bastante abandonada pelas autoridades portuguesas (AUGEL, 1998, p. 21 – 22).

Dá para perceber que o país, até agora, está à procura de se autoafirmar, ou como verseja o poeta e escritor Helder Proença, “aprisionados pelas mãos e pelos olhos” no poema intitulado “Quando te propus”, contido no seu livro *Não posso adiar a palavra*. Nesse ínterim, a Literatura pode se tornar um veículo essencial para uma visão crítica da sociedade guineense. O escritor Tony Tcheka destaca em entrevista:

(...) a literatura tem que interpelar em todas as dimensões, tem que atravessar a sociedade ponta a ponta na questão social, política, econômica. (...) a literatura seria profícua e com capacidade de educar diversas pessoas. Então, estamos a escrever o que e para quem: essa é a principal questão que nós escrevemos. Então, para quem, por quê? Não podemos escrever como se estivéssemos tudo bem num paraíso e deixar as pessoas do dia a dia. Temos que colocar a palavra no seu aspecto e temos também que conhecer os valores das palavras, das expressões, do sentido das coisas.

Gênero da Literatura, a poesia ganhou papel de grande importância na manifestação literária pulsante de Guiné-bissau. O escritor Edson Incopté afirma na entrevista: “temos uma poesia que esteve nas bases da luta pela libertação nacional... incitando-a fortemente. Uma poesia nacionalista, marcada pelos poetas como o grande Vasco Cabral”. Percebemos que a poesia foi magistral para a construção da literatura guineense, ressaltando que não era através de contos e textos em prosa que se faziam as reivindicações durante a época colonial.

Foi através da poesia escrita, como no caso de Vasco Cabral e outros tantos, e também na poesia falada e cantada na voz, por exemplo, de José Carlos Schuwarcz e os míticos *super mama djombo*⁸, que muitas contestações sobre o direito à autodeterminação dos povos guineenses se fizeram. Ainda sobre a importância da poesia, o escritor Tony Tcheka disse: "eu gosto mais da poesia, ela é o gênero rainha da literatura guineense, mas, *oxalá* os outros gêneros venham a se posicionar, pontificando na poesia, porque há espaço para todos e é aconselhável que assim seja"; semelhante a Tony Tcheka, o escritor Edson Incopté realça: "tenho as minhas bases literárias na poesia e é, sem dúvida, a rainha da literatura guineense! A poesia é a minha grande paixão na literatura guineense". Ou seja, o "gênero poesia" parece ser o mais prestigiado na afirmação da identidade literária guineense, visto que maiorias dos escritores optam e apostam nesse gênero, como ressalta Augel,

os autores guineenses da pós-independência, empenhando-se em glorificar a revolução e homenagear os heróis nacionais, optam por uma poesia patriótica, encomiástica e encorajadora, colocando os seus versos a serviço primeiro da revolução e mesmo do partido revolucionário, durante muito tempo quase sinônimos um do outro, e depois da nação (AUGEL, 1998, p. 98)

Sendo assim, poderíamos considerar o gênero poesia como um instrumento de compreensão ou de exaltação da nação e dos heróis guineenses, ou, por outro lado damos a entender que a poesia sempre esteve presente nos processos e os caminhos da literatura guineense fundante. Lembrando o que fala o escritor Gabriel Yé na entrevista: "é mais ou menos três momentos de escrita: o de exaltação, do nacionalismo e de reclamação da independência (...)". Entendemos que a poesia participou e participa na emancipação da afirmação da identidade guineense, já que "ela é a rainha da literatura guineense".

A discussão sobre identidade nacional de Guiné-Bissau pela Literatura parece ter nascido de uma necessidade, de um objetivo de libertação da colonização e dominação portuguesas, como cita o escritor Jorge Otinta:

Para dizer, outrossim, que a literatura guineense nasceu tal como o país sob o signo do fogo, ou seja, sob o *napalm*. Trata-se, sem dúvida, de uma literatura militante, engajada, comprometida com a causa da libertação nacional, com o desejo da liberdade. Isto é de o país libertar-se do jugo colonial, constituindo-se em novas identidades plurais.

⁸ É uma banda musical, que "aos ritmos tradicionais, mesclam-se sonoridade modernas eléctricas e vozes que cantam em crioulo a identidade nacional do recém país independente. O sucesso leva-os a realizar tournées na Guiné-Bissau e a acompanhar o presidente da República Luís Cabral nas suas viagens presidenciais a Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Portugal e Cuba, como reflexo da identidade guineense" (LOPES, 2010, p.190).

A fala do Jorge Otinta dá-nos uma percepção de que a literatura guineense está engajada na discussão decolonial de libertação nacional guineense. Segundo Inocência Mata,

É apenas por via da literatura que as linhas do pensamento intelectual nacional se revelam, e se vêm revelando, em termos de várias visões sobre o país, atualizando identidades sociais, coletivas e segmentais, conformadas nas diversas perspectivas e proposta textuais. Pensemos, por exemplo, nos nossos cinco países, durante o regime monopartidário, em que a liberdade de expressão estava cerceada em nome de desígnios ditos de interesse nacional e ditados pela consolidação pátria: foi à literatura que nos informou sobre as sensibilidades discordantes, os eventos omitidos dos discursos oficiais (MATA, 2007, p. 28-29).

A literatura é que dá a conhecer ou a ter acesso ao costume de um povo, uma cultura, uma nação etc.; na época da colonização guineense, por exemplo, a literatura estava presente a transmitir reflexões críticas ao seu povo, sejam elas escritas ou cantadas. Como disse Gabriel yé: “para mim a literatura é arte muito abrangente, é transversal, ou seja, a literatura é uma arte com dois lados: é a arte de fazer e de representar (...)”. Também em entrevista, o escritor Abdulai Silá assim definiu literatura e sua importância: “(...) manifestação cultural entre várias outras, (...) que caracterizam um povo, (...) sociedade e que, de uma forma geral, representa aquilo que é a cultura, os anseios e a vivência de um povo (...)”.

Assim, dá para entender, a partir das falas dos entrevistados, que a literatura tem diversos papéis e definições, mas que, um deles, é de representar qualquer que seja a nação, povo, comunidade, etnia etc. já lembra o escritor Manuel Casqueiro ao dizer: “Literatura (...) é a arte de fazer viajar o leitor dando-lhe conhecimento através de suas informações e do uso estético da linguagem escrita”, e, por outro lado, “a literatura possibilita pôr a descoberto os veios do inconsciente coletivo, veicula o que escapa à observação sociológica ou à documentação histórica, desvenda aspirações, fareja e antecipa as tensões subjacentes” (AUGEL, 1998, p.19). A literatura promove culturas e com ela dá para entender e conhecer experiências econômicas, políticas, identitárias de uma nação. Sob outra perspectiva, ela possibilita ao escritor expressar seus esboços construtivos de mundo:

(...) a literatura, (...) é um lugar, para mim, de nos espraíarmos, em outro. É um outro caminho da história, para mim, porque a literatura faz uma leitura da história da sua maneira, a seu modo, e na literatura nós encontramos laivos da idiossincrasia de um povo, a sua religiosidade, o seu pensamento, os seus desafios, os seus desânimos e as suas alegrias. Eu acredito que a literatura é isso tudo, portanto, eu não tenho uma definição certa da literatura (Odete Semedo).

A literatura parece ser todo esse caminho onde podemos espreitar ou conhecer a história de uma determinada nação, ou para conversar com o escritor Hermi Indi, ela “é uma manifestação artística, tem por finalidade recriar a realidade a partir da visão de determinado autor (o artista), com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas”. Para cada literatura, porém, há características próprias, tanto em termos de língua ou na maneira de vivenciar uma nação; existem “códigos próprios”, como disse Tony Tcheka, que, no caso da literatura guineense, expressam-se no narrar de uma identidade nacional em contínua construção:

no mapeamento da literatura guineense, é possível detectar toda uma trajetória da narração da nação, a começar pela encenação de um mito fundador, presente primeiramente na literatura de combate, com suas manifestações de dor e de repúdio ao colonialismo e de nostalgia de um tempo anterior, da vida imune à civilização ocidental. Esta temática está estreitamente ligada à exaltação do herói revolucionário e vencedor, ao entusiasmo, à euforia e ao compreensível orgulho pela vitória das forças revolucionárias, acompanhados pelo estimulante apelo à união dos esforços em prol da “construção”, num deslocamento mítico dos primeiros tempos da fundação (AUGEL, 2007, p.269).

Sem dúvida, é possível notar nas audaciosas vozes dos escritores entrevistados guineenses uma questão voltada à afirmação indenitária nacional. Isso pode ser comprovado na produção literária dos pesquisados, focalizada na questão da valorização do que é autóctone ou nacional, como argumenta o escritor Conduto de Pina:

A Guiné-Bissau é conhecida como um dos piores países do mundo, mas eu acredito que, como toda gente sabe, enquanto há vida há esperança (...). Vamos continuar a estar juntos no combate, fazer com que a Guiné-Bissau tenha outra cara, a Guiné-Bissau que se penteia, a Guiné-Bissau que se veste, que se perfuma, portanto, dia-a-dia...

3. Considerações finais

Os escritores guineenses, nas suas falas, evidenciam a valorização de uma identidade nacional guineense:

Na literatura guineense nota-se o desejo e até uma proposta bem clara, se bem que não explícita, de seus escritores escreverem para o público guineense, sem preocupações com o público estrangeiro, embora se articulem em português, o que não impede o uso sem conta de expressões e de referências ao universo especificamente guineense. Vislumbra-se o interesse e o cuidado de querer revelar a Guiné para os próprios compatriotas (AUGEL, 1998, p. 434).

Muito embora não possamos deixar de dizer que se perde a carga literária pretendida ao traduzirmos qualquer que seja a escrita de crioulo para português. A literatura, enquanto arte, ganha papel importante nesse processo: “só seremos mais guineenses na medida em que formos capazes de traduzir nossas angústias e neuroses, nossas alegrias e tristezas em objectos de arte”, diz Jorge Otinta.

Desse modo, penso que grande parte da literatura guineense processa-se enquanto discurso decolonial, tentando fazer de seu caminho transmissões de informações acerca dos costumes e cultura do povo/nação, seja ela crítica ou não. Interpreto literatura como aquela que pode dar uma visão crítica da nação/povo; um meio para transmitir saberes e ajudar na construção de identidade nacional de um país. Como cita Mignolo (2008, p. 290): “Consequentemente, a opção descolonial significa, entre outras coisas, aprender a desaprender”, ou, por outro modo, significa apreender a valorizar o que é seu e desaprender a amar o que não lhe identifica.

Não podemos terminar o trabalho sem que haja uma breve explicação sobre a significação de “feito três pedras de fogão”. Ela é uma expressão utilizada na Guiné-Bissau para demonstrar o termo da união, e que essa união faz a força, é equivalente ao ditado que diz: “Uma andorinha não faz verão”. Em outro contexto, essa expressão demonstra o sentido de não-separação, ou seja, a importância de viver em comunhão, tendo em consideração que, se não houver a união das três pedras pode dificultar no que remete ao alvo que todos querem alcançar: unificação e exaltação da identidade e cultura guineenses. Não foi por acaso que citei a expressão “feito três pedras de fogão” no título desse trabalho, pois, no decorrer da realização dessa pesquisa compreendi que os escritores guineenses aparentam ter uma união “feito três pedras de fogão” ou “nô djunta mom”, que traduzindo literariamente significa “união sem distinção”, ou, ao pé de letra, “vamos ajuntar as nossas mãos”. Como dizia Augel, No prazer da leitura dos diferentes autores, pudemos ver que as propostas literárias e estéticas e os posicionamentos críticos ou teóricos podem variar e certamente variam, mas, pouco importa a postura de cada um, é comum a todos a mesma fé que anima poetas e prosadores guineenses na procura da sua identidade cultural. Preocupação constante e elemento comum a todos é, certamente, a firme vontade de expressar a dignidade e a autoafirmação guineense, importando-as face ao resto do mundo, e de expressar e celebrar a sua própria e específica guineidade (AUGEL, 1998).

Assim, ratifica Odete Semedo:

Bom, é que haja mais jovens a escrever. Que as políticas públicas para o sector da cultura dê condições, que a lei do missionado funcione para que juventude possa ter uma formação sólida e consigam de facto aqueles que queiram enveredar-se por caminho da escrita, que consigam ter condições para o fazer e sobretudo para publicar, e que haja editoras, porque escrever e meter na gaveta não é a literatura para o país. Quando se escreve, essa escrita deve ser avaliada, deve se ser apoiada, corrigida, organizada e publicada, e que no futuro também a Guiné-Bissau consiga fazer com que a sua literatura, a sua arte vá pelo mundo afora; começando pelos países de CPLP, para Europa afora, pelos países de sub-região, para que conheçam o nosso lado indentitário, e o nosso lado literário, estético da Guiné-Bissau e o que temos para oferecer. E eu acredito que nós estamos a caminhar para isso, e acredito também que há uma juventude que quer fazer coisas, que quer ser vista como construtora da nação: que assim seja!

Como diz a escritora Odete Semedo na entrevista, “na literatura guineense quem lê a parte literária conhece a história da Guiné-Bissau, porque a literatura é a outra voz da história”. Posso pensar que a maior parte dessas escritas literárias demonstram a trajetória da história da nação guineense e seus costumes, políticas; seu povo. Não posso finalizar esse trabalho, portanto, sem propor que a Literatura seja parte obrigatória no currículo das escolas guineenses, para que, assim, o desejo de se fazer literatura nacional seja vivenciado no nosso próprio país, antes de tudo.

REFERÊNCIAS:

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. **A Nova Literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1998.

DJÁLO, Mamadú. **Processo de ocupação da Guiné-Bissau: um olhar sociológico pela denominação**. Revista Mosaico Social - Ano 3 - Dezembro 2006 - Número 3.

LEISTER, Fátima C. **Caminhos de pesquisa: a Guiné-Bissau e o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973)**. Projeto História, n.44. São Paulo: jun. 2012.

LOPES, Catarina. **Recortes da História da Guiné-Bissau 1900-2005**. Portugal: IPAD: 2010.

MATA, Inocência. **A Literatura Africana e a Crítica Pós-colonial: Reconversões**. Luanda: Nzila. 2007.

MONTENEGRO, Teresa. Kriol tem - termos e expressões. Bissau: Ku Si Mon, Editora Lda. 2007

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

SEMEDO, Rui Jorge. **Uma radiografia do processo literário guineense.** REALIS - Revista de Estudos Antiutilitarista e Pós-coloniais. Vol. 2, n.02, Jul-Dez, 2012.

SEMEDO, Odete Costa. **Entre o ser e o amar.** Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

ENTREVISTAS

CASQUEIRO, Manoel. Fortaleza-CE, 27 de novembro de 2016. Entrevista estruturada/questionário. Entrevista concebida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

CONTÉ, Mário. Guiné-Bissau, 26 de agosto de 2015. Aparelho celular/máquina digital (16:59 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

FONSECA, Herme Indi da. Guiné-Bissau, 15 de janeiro de 2015. Entrevista estruturada/questionário. Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

IÉ, Gabriel. Guiné-Bissau, 27 de agosto de 2015. Aparelho celular/máquina digital (36:26 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

INCOPTÉ, Edson. Guiné-Bissau, 26 de agosto de 2015. Aparelho celular/máquina digital (32:07 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

JÚNIOR, Hilário. Guiné-Bissau, 15 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (07:22 min) e entrevista estruturada/questionário. Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

OTINTA, Jorge. Guiné-Bissau, 26 de janeiro de 2015. Entrevista estruturada/questionário. Entrevista concebida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

PERDIGÃO, Fernando. Guiné-Bissau, 07 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (47:13 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

PINA, Francisco Conduto de. Guiné-Bissau, 13 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (22:20 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

SEMEDO, Odete. Guiné-Bissau, 29 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (43:02 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

SILÁ, Abdulai. Guiné-Bissau, 12 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (29:35 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca - UNILAB.

TCHEKA, Tony. Guiné-Bissau, 15 de janeiro de 2015. Aparelho celular/máquina digital (33:51 min). Entrevista concedida à estudante Mairra A. Badinca- UNILAB.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1. Para você, o que é Literatura?
2. Quais os autores que você tem como referência no seu fazer literatário?
3. O que conhece acerca da história da Literatura de Guiné-Bissau?
4. A literatura guineense tem cânones? Quais?
5. Na sua opinião, a literatura de Guiné-Bissau tem características diferentes das demais literaturas do continente africano?
6. Na sua opinião, a literatura de Guiné-Bissau tem características diferentes das demais literaturas do continente africano?
7. De que gênero gosta mais na literatura guineense?
8. Você acha que a literatura deve se envolver, discutir assuntos políticos, econômicos, sociais, de modo geral? Ou deve a literatura deter-se, essencialmente, ao campo da arte e estética literária?
9. Você poderia indicar a leitura de escritores ou escritoras da literatura guineense contemporânea?
10. Quais as suas expectativas para a literatura guineense no século XXI?